

Grande ABC registra 65 abortos espontâneos por mês e contabiliza alta de 19% nos casos

Foram 519 notificações de janeiro a agosto deste ano contra 437 em 2024; alterações genéticas do embrião é a principal causa

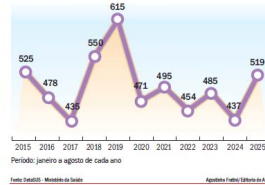
TATIANE PAMBOLIAN
tatianepambolian@igabc.com.br

O Grande ABC contabilizou 519 abortos espontâneos de janeiro a agosto, uma média de 65 por mês, de acordo com dados do DataSUS, plataforma do Ministério da Saúde. No ano passado, foram 437 casos no mesmo período, crescimento de 19%.

Este foi o maior registro desde de 2019, quando foram contabilizadas 615 notificações. A interrupção da gestação é considerada um aborto espontâneo somente até 22 semanas. A partir disso, a perda é menos recorrente e computada como morte fetal. Nos oito primeiros meses deste ano, a região registrou 18 óbitos e no mesmo período de 2024 foram 30 mortes.

De acordo com a ginecologista e obstetra Larissa Pires, a maioria das perdas ocorre devido a alterações genéticas do embrião. O segundo motivo mais recorrente são problemas hormonais, seguido de

Perdas gestacionais na região



Fonte: DataSUS, Ministério da Saúde. Atualizado: Tatiane Pambolian/IGABC

malformações uterinas, infecções, doenças autoimunes e trombofilias hereditárias ou adquiridas.

"A natureza é extremamente seletiva. Muitas perdas acontecem porque aquele embrião, apesar de desejado, não estava saudável. É difícil de ouvir, mas é também uma forma do corpo proteger a mulher", justifica a médica, que atua nos hospitais Pro Matre e San-

ta Joana e na clínica Ideia Fértil, em Santo André.

O corpo se recupera fisicamente em alguns dias, em média, o útero volta ao tamanho normal de duas a quatro semanas e a menstruação retorna entre quatro e seis. Entretanto, a recuperação emocional não segue calendário. "É um luto que dói de forma visceral. É a perda de um bebê imaginado, de um futuro projetado,



ESPERA. Vanessa Guelli perdeu seu bebê em 2017 mas teve uma nova chance

de uma identidade materna que estava se formando", destaca Larissa.

RECOMEÇO

A dona de casa de Diadema, Vanessa Guelli, 42 anos, teve uma gestação interrompida em setembro de 2017. "Quando estava com seis semanas de gestação, tive pequenos sangramentos e fui ao hospital. No exame transvagi-

nal, não encontraram os batimentos do bebê. A médica, de forma bastante fria, explicou que poderia ser cedo demais para identificá-los ou que eu já poderia ter sofrido um aborto. Eu e meu marido nos agarramos à primeira possibilidade, mas alguns dias depois o aborto foi confirmado. Perdi o chão."

Felizmente, dois anos depois, em setembro de 2019,

Vanessa deu à luz o duas bebês. "Esperi um ano para tentar novamente e em janeiro engravidei das meninas. Tive sangramento também com seis semanas e fui desesperada ao hospital, quando recebi a grande notícia de que eram gêmeos. Cai em prantos, mas dessa vez de felicidade. Achei que tinha perdido um e estava esperando dois. Elas são o meu milagre", conta a mãe.

A médica Larissa Pires explica que a partir de dois meses a mulher já pode tentar uma nova gestação e que um aborto não determina insucesso em futuras gestações. "O risco só aumenta quando há dois ou mais abortos consecutivos, situação que chamamos de aborto recorrente e que merece investigação mais detalhada."

Logo após o aborto espontâneo, podem ficar restos embrionários ou placentários no útero da mulher, os quais o corpo pode expelir ou reter. Quando há tecido em quantidade maior, o ideal é retirar, geralmente por curetagem ou por métodos mais modernos de aspiração, a fim de evitar infecções e preservar a saúde reprodutiva da mulher.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 4